

# Forjando um Instrumento Diagonal para a Esquerda Global \*

Javier Ezcurdia\* e Christopher Chase-Dunn\*\*

**Resumo:** Este artigo assume o desafio de Samir Amin de repensar a questão da organização política global, propondo a construção de uma organização política diagonal para a esquerda global que ligaria redes locais, nacionais e globais, bem como comunidades prefigurativas para coordenar a disputa pelo poder no sistema-mundo durante as próximas décadas do século XXI. O processo do Fórum Social Mundial (FSM) precisa ser reinventado para promover o surgimento de um instrumento capaz de confrontar e disputar com a estrutura de poder global do capitalismo mundial e ajudar as lutas locais e nacionais. Propomos uma abordagem holística para organizar um *navio* para a esquerda global baseado em lutas por justiça climática, direitos humanos, antirracismo, direitos *queer*, feminismo, redes de partilha, alianças de paz, retomada das cidades, nacionalismo progressivo, confrontando e derrotando o neofascismo e novas formas de populismo conservador.

**Palavras-Chave:** Navio. Nacionalismo Progressivo. Esquerda Global. Capitalismo Mundial. Holístico.

**Abstract:** This article takes up Samir Amin's challenge to rethink the question of global political organization by proposing the construction of a diagonal political organization for the Global Left that would link local, national, and global networks as well as prefigurative communities to coordinate the contest for power in the world-system during the next decades of the 21st century. The World Social Forum (WSF) process needs to be reinvented to promote the emergence of an instrument capable of confronting and contesting the global power structure of world capitalism and assisting local and national struggles. We propose a holistic approach to organize a vessel for the global left based on struggles for climate justice, human rights, anti-racism, queer rights, feminism, sharing networks, peace alliances, taking back the cities, progressive nationalism, confronting and defeating neo-fascism and new forms of conservative populism.

**Keywords:** Vessel. Progressive Nationalism. Global Left. World Capitalism. Holistic.

**Resumen:** Este artículo recoge el reto de Samir Amin de repensar la cuestión de la organización política global proponiendo la construcción de una organización política diagonal para la Izquierda Global que vincule las redes locales, nacionales y globales así como las comunidades prefigurativas para coordinar la contienda por el poder en el sistema-mundo durante las próximas décadas del siglo XXI. Es necesario reinventar el proceso del Foro Social Mundial (FSM) para promover la aparición de un instrumento capaz de enfrentarse y disputar la estructura de poder global del capitalismo mundial y ayudar a las luchas locales y nacionales. Proponemos un enfoque holístico para organizar un buque de la izquierda global basado en las luchas por la justicia climática, los derechos humanos, el antirracismo, los derechos de los homosexuales, el feminismo, las redes de intercambio, las alianzas por la paz, la recuperación de las ciudades, el nacionalismo progresista, el enfrentamiento y la derrota del neofascismo y las nuevas formas de populismo conservador.

**Palabras-llave:** Buque. Nacionalismo Progresivo. Izquierda Global. Capitalismo Mundial. Holístico.

\* Mestre em Relações Internacionais, San Francisco State University.

\*\* Christopher Chase-Dunn é professor distinguido de Sociologia e diretor do Institute for Research on World-Systems na Universidade da Califórnia – Riverside. Ph.D em Sociologia pela Universidade de Stanford em 1975. Fundador e ex-editor do Journal of World-Systems Research e editor de uma série de livros publicada pela The Johns Hopkins University Press. Fellow da American Association for the Advancement of Science (2001) e Presidente do Comitê de Pesquisa em Economia e Sociedade (RC02) da International Sociological Association (2002).

Os movimentos sociais têm sido importantes impulsionadores da mudança social desde a Idade da Pedra. Eles tanto reproduzem como alteram estruturas sociais e instituições. Neste ensaio, nós usamos a perspectiva dos sistemas-mundo para examinar as possibilidades de aumentar a coesão e a capacidade dos movimentos sociais globais progressistas. A perspectiva evolutiva comparativa dos sistemas-mundo estuda as maneiras pelas quais as ondas de movimentos sociais impulsionaram a ascensão de sociedades humanas mais complexas e mais hierárquicas ao longo dos últimos milênios. Uma perspectiva global e de longa duração nos auxilia na compreensão do momento atual e na elaboração de estratégias políticas que ajudem a mitigar os problemas que devem ser enfrentados no século XXI para que a humanidade avance em direção a um futuro global mais justo, pacífico e sustentável. O sistema-mundo contemporâneo está entrando em uma outra era, similar em muitos aspectos à “era dos extremos” que ocorreu na primeira metade do século XX (HOBSBAWM, 1994). Divisar uma estratégia política útil para a esquerda global requer que entendamos as semelhanças e diferenças entre o período atual e a primeira metade do século XX. Também exige que entendamos as culturas dos movimentos e contramovimentos que surgiram nas últimas décadas, bem como suas organizações estruturais, que são críticas para o sucesso do movimento. O período atual é assustador e perigoso, mas também é um período de grande oportunidade para mover a humanidade em direção a uma sociedade mundial qualitativamente diferente e melhorada<sup>1</sup>.

## **O Movimento Global de Justiça Social e o Processo do Fórum Social Mundial**

O movimento global de justiça social que emergiu a partir da década de 1990 com os sucessos regionais dos Zapatistas no sul do México formou-se em resposta ao projeto neoliberal de globalização. A Maré Rosa que se seguiu foi o advento de regimes políticos populistas de esquerda na maioria dos países latino-americanos, tendo por base movimentos contra os programas de ajuste estrutural neoliberais promovidos pelo Fundo Monetário Internacional (CHASE-DUNN *et al.*, 2015). Em 2001, o Fórum Social Mundial (FSM) foi fundado como uma reação à exclusividade do neoliberal Fórum Econômico Mundial. Seu objetivo era fornecer um ponto de encontro global para os movimentos progressistas populares que se opunham ao projeto de globalização neoliberal. As conferências fundacionais foram realizadas

<sup>1</sup> Esta é uma atualização de um ensaio anterior que revisou a literatura sociológica sobre formação de coalizão, a história das frentes unidas e populares no século XX, e considerou quais tendências centrais da nova esquerda global podem estar na disputa por fornecer liderança e integração da rede de movimentos antissistêmicos que participam do processo do Fórum Social Mundial (CHASE-DUNN *et al.*, 2014).

em Porto Alegre, Brasil, com o apoio do Partido dos Trabalhadores brasileiro, que havia acabado de conquistar a presidência sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-trabalhador da indústria automobilística. O FSM adotou o slogan “Um outro mundo é possível” para contrariar a alegação de Margaret Thatcher de que não havia alternativa à globalização neoliberal. O FSM realizou a maioria de seus encontros globais no Sul Global, mas também patrocinou importantes encontros locais e nacionais em todas as regiões do mundo. Esse foi um importante local de encontro para a emergente Nova esquerda global e o movimento de justiça global, mas não incluiu todos os movimentos da Esquerda (veja abaixo). Era para ser um local para ativistas de movimentos sociais de base colaborarem uns com os outros.

O processo do Fórum Social acabou se disseminando para a maioria das regiões do mundo. Apenas alguns meses após o primeiro evento anual, em 2001, o Conselho Internacional do Fórum Social Mundial aprovou uma carta de princípios de 14 itens. Identificou o uso pretendido da nave do fórum por “[...] entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo” (WORLD SOCIAL FORUM, 2001). A carta não permitia a participação daqueles que queriam participar como representantes de organizações que estavam envolvidas, ou que advogavam, na luta armada. Nem governos, partidos políticos ou igrejas podiam enviar representantes para os encontros. Havia uma grande ênfase no horizontal e plural, em oposição às formas hierárquicas de organização. O uso da Internet para a comunicação e mobilização tornou possível que amplas coalizões e redes vagamente unidas de ativistas dos movimentos de base se engajassem em projetos de ação coletiva.

Os participantes do processo do fórum social envolveram-se em um frenesi de redação de manifestos/estatutos, enquanto aqueles que buscavam uma abordagem mais organizada para confrontar o capitalismo global e o neoliberalismo tentavam formular objetivos consensuais e reunir coalizões viáveis (WALLERSTEIN, 2007).

Uma questão que foi debatida foi se o Fórum Social Mundial deveria formular um programa político e tomar posições formais sobre as questões. Uma pesquisa de opinião com 625 participantes no encontro do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 2005, perguntou se o FSM deveria permanecer um espaço aberto ou se deveria assumir posições políticas. Quase metade dos entrevistados favorecia a ideia de espaço aberto (CHASE-DUNN *et al.*, 2008). Assim, tentar mudar a carta do FSM para permitir um programa político formal teria sido muito divisor.

No entanto, isso não foi considerado necessário. A carta do FSM também encorajou a formação de novas organizações políticas. Os participantes que queriam formar novas coalizões e organizações eram livres para agir, desde que não o fizessem

em nome do FSM como um todo. A Assembleia de Movimentos Sociais e outros grupos emitiram apelos para ações globais e manifestos políticos em encontros do Fórum Social, tanto em nível global quanto nacionais. Reunidos em Bamako, Mali, em 2006, um grupo de participantes emitiu no início da reunião um manifesto intitulado “O Apelo de Bamako”. Esse foi um apelo para uma frente unida global contra o neoliberalismo e o neoimperialismo dos Estados Unidos (ver SEN *et al.*, 2007). Samir Amin, o famoso economista marxista e cofundador da perspectiva do sistema-mundo (juntamente com Immanuel Wallerstein, Andre Gunder Frank e Giovanni Arrighi), escreveu um pequeno ensaio intitulado “Rumo a uma Quinta Internacional?” no qual ele brevemente esboçou a história das quatro primeiras internacionais (AMIN, 2008). Peter Waterman (2006) propôs uma “carta global do trabalho”, e uma coalizão de grupos de mulheres reunidas no Fórum Social Mundial produziu um manifesto global feminista que tentou superar questões divisoras entre Norte e Sul (MOGHADAM, 2005; MOGHADAM e KAFTAN, 2019)<sup>2</sup>.

Sempre houve uma tensão dentro da esquerda global sobre dois caminhos opostos: a antiglobalização ou uma forma alternativa progressista de globalização. Samir Amin (1990) e Waldon Bello (2002) são importantes defensores socialistas da desglobalização e desconexão<sup>3</sup> do Sul Global em relação ao Norte Global, a fim de protegê-lo contra o neoimperialismo e tornar possível o desenvolvimento autossuficiente e igualitário. A alterglobalização defende uma sociedade mundial igualitária que seja integrada, mas sem exploração e dominação. O projeto de alterglobalização tem sido estudado e articulado por Geoffrey Pleyers (2011) como uma “convergência inquieta” de grupos ativistas autônomos e independentes, em grande parte horizontais, e atores mais institucionalistas, como intelectuais e ONGs. Em nossa proposta de um caminho a seguir para a esquerda global, nós defendemos a combinação de horizontalismo e de coordenação capacitada em um instrumento que possa apoiar e defender projetos igualitários e comunidades para lutar efetivamente contra o poder dos Estados reacionários, empresas e movimentos populistas.

## A Cultura da Revolução Mundial de 20XX

Houve um impasse no movimento de justiça global entre aqueles que queriam avançar em direção a uma frente unida global que pudesse mobilizar uma forte coalizão contra os poderes que existem, e aqueles que preferiram ações horizontalistas prefigurativas locais e formas de redes horizontalistas que renunciam à hierarquia

<sup>2</sup> Waterman (2010) também criticou o vanguardismo do “Apelo de Bamako” e outras propostas para um novo internacionalismo e defendeu a estruturação de movimentos das forças de justiça global.

<sup>3</sup> N.T.: *Delinkage* no original em inglês.

organizacional e se recusam a participar de atividades políticas “normais”, como eleições e lobby. Prefiguracionismo é a ideia de que pequenos grupos podem intencionalmente organizar relações sociais de maneiras que possam fornecer as sementes da transformação para uma forma mais desejável de sociedade humana futura. O horizontalismo abjura a hierarquia nas organizações. Foi inspirado pela observação de Robert Michels (1968 [1915]) de que todas as organizações eventualmente se tornam conservadoras porque a liderança acaba tentando principalmente defender seus próprios interesses e a sobrevivência da organização. A história natural dos partidos e das organizações do movimento social é adaptar-se às exigências existentes do sistema-mundo, abandonando as aspirações revolucionárias.

Essas posições políticas horizontalistas foram herdadas dos movimentos anti-autoritários e antiburocráticos da Nova Esquerda da revolução mundial de 1968. A Nova Esquerda de 1968 abraçou a democracia direta, atacou as organizações burocráticas e foi resistente a construir novas organizações formais que poderiam atuar como instrumentos da revolução (ARRIGHI, HOPKINS e WALLERSTEIN, 2012 [1989]). Acredita também que as instituições que tinham sido instrumentos de mudança revolucionária e desafiadoras das estruturas de poder existentes tornaram-se defensoras esclerosadas do *status quo* quando envelheceram.

Essa resistência à política institucionalizada e à disputa pelo poder estatal também tem sido uma característica marcante da revolução mundial que ocorre hoje. Ela se baseia em uma crítica às práticas das revoluções mundiais anteriores em que os sindicatos e os partidos políticos ficaram atolados em lutas egoístas de curto prazo, que foram vistas como tendo reforçado e reproduzido o capitalismo global e o sistema interestatal. Essa rejeição da organização formal se reflete na carta do Fórum Social Mundial, como discutido acima. E os mesmos elementos estavam fortemente presentes no movimento *Occupy*, bem como na maioria das revoltas populares da Primavera Árabe (MASON, 2013).

A análise de Paul Mason<sup>4</sup> (2013) afirma que a base estrutural social para o horizontalismo e a organização antiformal, para além da decepção com os resultados das lutas realizadas pela Velha Esquerda, deveram-se à presença de um grande número de estudantes de classe média como ativistas desses movimentos. A revolução mundial de 1968<sup>5</sup> foi liderada principalmente por estudantes universitários que emergi-

4 Paul Mason é um jornalista britânico de 59 anos que é bem conhecido por estudiosos de movimentos sociais transnacionais por sua cobertura etnográfica perceptiva do movimento de justiça global (MASON, 2013). Mason é um ex-trotskyista que atua no Partido Trabalhista Britânico. Ele é um intrépido protagonista do precariado com um sólido fundamento na história dos movimentos e ideais progressistas e da economia política.

5 Revoluções mundiais são batizadas por um ano simbólico em que eventos importantes ocorreram e que caracterizam a natureza da constelação de rebeliões designadas: 1789, 1917, 1968 e agora 20XX, porque ainda é muito cedo para nomear a atual revolução mundial.

ram no cenário mundial com a expansão global do ensino superior desde a Segunda Guerra Mundial. John W. Meyer (2009) explicou a revolta estudantil e a subsequente redução da idade de votação como mais uma extensão da cidadania para grupos novos e politicamente não incorporados demandando inclusão, análogas às revoltas anteriores e incorporações de homens sem propriedade e mulheres.

Mason aponta as semelhanças (e diferenças) com a revolução mundial de 1848, na qual muitos dos ativistas eram estudantes qualificados, mas desempregados. Ele também argumenta que a participação na atual revolução mundial tem sido fortemente composta por jovens altamente educados que estão enfrentando a forte probabilidade de que eles não serão capazes de encontrar empregos compatíveis com suas habilidades e níveis de formação. Muitos desses “graduados sem futuro” se endividaram para financiar sua educação e estão alienados da política como de costume e enfurecidos com o fracasso do capitalismo global para continuar a expansão dos empregos da classe média. Esses graduados podem ser considerados parte do “precariado” de Guy Standing (2014), pois são cada vez mais forçados a participar da economia gig<sup>6</sup>, com pouca esperança de um futuro emprego estável. Jovens altamente educados compartilham um futuro econômico incerto com trabalhadores pobres em todo o mundo, o que poderia produzir uma aliança transnacional de precariados globalizados. Mason também faz notar que os pobres urbanos, especialmente no Sul Global, e os trabalhadores do Norte Global cujos meios de subsistência foram atacados pela globalização, foram elementos importantes nas revoltas ocorridas no Oriente Médio, Espanha, Grécia e Turquia. Mason também ressalta a importância da Internet e das mídias sociais para permitir que jovens descontentes organizem e coordenem grandes protestos. Ele vê a “liberdade de tuitar” como um elemento importante em um novo nível de liberdade individual que tem sido um relevante motor desses graduados de classe média que gostam de confrontar os poderes constituídos em manifestações em massa. Essa nova liberdade individual é citada como outra razão pela qual os ativistas do movimento de justiça global têm sido reticentes em desenvolver suas próprias organizações e participar de formas legítimas de atividade política, como a política eleitoral.

Contudo, Mason e outros observadores participantes do movimento de justiça global enfatizam um pouco em demasia a extensão em que o movimento tem sido

6 N.T.: Economia gig: “economia de gratificação instantânea” costuma ser traduzida como “economia freelancer”, “economia sob demanda”, mas nada mais é que a conversão dos trabalhadores de tempo integral e de trabalhadores precários, sem vínculos com as empresas, para tarefas pontuais para as quais são contratados. Apesar de o termo ser antigo, criado por Jack Kerouac em 1952, ganhou força para denominar a realidade emergente das plataformas digitais de demanda, como a Uber. É o mundo da precariedade disfarçado de modernidade.

incoerente em relação aos objetivos e perspectivas compartilhadas. Pesquisas de participantes em Fóruns Sociais, tanto de nível mundial como nacional, encontraram uma rede multicêntrica relativamente estável de temas de movimento em que um conjunto de movimentos mais centrais serve como ligações para todos os outros movimentos, com base na identificação relatada de ativistas com movimentos (CHASE-DUNN e KANESHIRO, 2009). Todos os 27 temas de movimento utilizados nas pesquisas de opinião foram conectados à rede maior por meio de coativismo, de modo que havia uma única rede ligada, sem subgrupos (CHASE-DUNN e KANESHIRO, 2009). Essa rede multicêntrica era bastante estável em todos os locais de reunião<sup>7</sup>, o que sugere que tem havido uma estrutura semelhante de conexões de rede entre movimentos que são globais em escopo, e que a rede de nível global de movimentos também é muito semelhante à rede que existe entre ativistas do Fórum Social de movimentos de base dentro dos EUA (CHASE-DUNN *et al.*, 2019). O conjunto central de temas de movimento aos quais todos os outros movimentos estavam ligados incluía direitos humanos, antirracismo, ambientalismo, feminismo, paz/antiguerra, política econômica alternativa e anticorporativa.

Enquanto a esquerda global continha tanto antiglobalistas que defendiam maior autonomia local (AMIN, 1990; BELLO, 2002) quanto aqueles que favoreceram uma forma alternativa e mais igualitária de globalização (PLEYERS, 2011), toda a questão da antiglobalização deu uma guinada com a ascensão do populismo de direita e do hipernacionalismo, apoiados, em grande medida, por alguns dos perdedores com o projeto neoliberal global.

## **Globalismo da Justiça como Discurso**

Uma estrutura organizacional que pode ganhar a fidelidade de um grande número de ativistas, especialmente os jovens, precisará considerar a cultura da esquerda global que surgiu desde a Revolução Mundial de 1968, revendo os resultados de dois estudos cuidadosos.

Manfred Steger, James Goodman e Erin K. Wilson (2013) apresentaram os resultados de um estudo sistemático das ideias políticas empregadas por 45 ONGs e organizações de movimentos sociais associados ao Conselho Internacional do Fórum Social Mundial. Usando uma forma modificada da análise de discurso morfológico desenvolvida por Michael Freedon (2003) para estudar ideologias políticas, Steger, Goodman e Wilson (2013) analisaram textos (sites, comunicados de imprensa e

<sup>7</sup> As pesquisas de opinião foram realizadas em encontros do Fórum Social em Porto Alegre, em 2005, Nairóbi (Quênia) e Atlanta (Geórgia), em 2007, e Detroit (Michigan) em 2010.

declarações) e realizaram entrevistas para examinar os conceitos-chave, os conceitos secundários e a coerência geral das ideias políticas expressas por essas organizações como proponentes do “globalismo da justiça”.

Os principais conceitos do globalismo da justiça extraídos por Steger, Goodman e Wilson (2013, p. 28-29) são:

- democracia participativa,
- mudança transformativa ao invés de incremental,
- igualdade de acesso a recursos e oportunidades,
- justiça social,
- direitos humanos universais,
- solidariedade global entre trabalhadores, agricultores e povos marginalizados, e
- sustentabilidade ecológica.

Significados mais detalhados de cada um desses conceitos surgiram em uma luta dialética em curso com o globalismo de mercado (neoliberalismo). Steger, Goodman e Wilson (2013) discutem cada um deles e avaliam quanto consenso existe nas 45 organizações de movimento que estudaram. Eles encontram um grande grau de consenso, mas seus resultados também revelam muita contestação em andamento entre os ativistas dessas organizações em relação às definições e aplicações desses conceitos.

Por exemplo, embora a maioria das organizações pareça favorecer uma forma ou outra de democracia participativa, há a consciência de alguns dos problemas produzidos por uma ênfase excessiva nos processos horizontalistas de participação e debates permanentes sobre formas de representação e delegação.

Algumas das organizações estudadas por Steger, Goodman e Wilson (2013) evitam a participação em processos eleitorais estabelecidos, enquanto outras não. Os autores destacam a importância da “multiplicidade” como uma abordagem que valoriza a diversidade em vez de tentar encontrar soluções “de um tamanho que se encaixe em todas”. Eles observam que a carta do Fórum Social Mundial valoriza a inclusividade, o acolhimento e o empoderamento de grupos marginalizados. Os Zapatistas, os ativistas do *Occupy* e muitos no movimento ambientalista têm se engajado em esforços para construir instituições e comunidades locais mais igualitárias e sustentáveis ao invés de construir desafios organizados às estruturas globais e nacionais de poder. Embora os direitos humanos sejam um tema de movimento muito central no movimento dos movimentos, o movimento indígena global contesta a versão dos direitos humanos consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas,

de 1948. Os militantes dos movimentos indígenas ressaltam a importância dos direitos comunitários sobre os direitos dos indivíduos e a ideia de que a “Mãe Terra” tem direitos<sup>8</sup>. Essas contendas foram compartilhadas pelos muitos ativistas que simpatizam e se identificam com os povos indígenas (CHASE-DUNN *et al.*, 2019). A discussão da solidariedade global em Steger, Goodman e Wilson (2013) enfatizam a centralidade do que Ruth Reitan (2007) chamou de “solidariedade altruísta” – identificação com os povos pobres e marginalizados – sem muita consideração da solidariedade com base em circunstâncias comuns ou identidades. Steger, Goodman e Wilson (2013) fazem, no entanto, menção aos importantes esforços para vincular grupos que estão operando em níveis locais e global de conflito.

O estudo de Steger, Goodman e Wilson (2013) é um exemplo útil de como fazer pesquisas sobre ideologia política e fornece evidências valiosas sobre posições ideacionais e cultura da nova esquerda global. Tal estudo e os resultados da rede de movimento resumidos acima implicam que a nova esquerda global tem um grau de coerência que pode ser a base de uma maior articulação.

### **Think Tanks Transnacionais de Política Alternativa**

O estudo minucioso de William Carroll (2016) sobre grupos de políticas alternativas transnacionais de justiça global examinou o problema de como construir um bloco transnacional contra-hegemônico de forças sociais progressistas (CARROLL, 2016). O estudo de Carroll analisou 16 *think tanks* progressivos transnacionais do Norte Global e do Sul Global<sup>9</sup>. Os resultados de Carroll concordam com os achados do estudo de Steger, Goodman e Wilson (2013) sintetizados acima sobre o conteúdo discursivo do movimento de justiça global. Carroll também observa que os *think tanks* progressivos contra-hegemônicos que ele estudou têm tentado produzir conhecimento que seja útil para a mudança social prefigurativa e uma forma democrática e igualitária de globalização em contraste com o projeto de globalização neoliberal. Carroll critica abordagens locais e antiorganizacionais e propõe a globalização contra-hegemônica:

[...] um projeto globalmente organizado de transformação com o objetivo de substituir o regime global dominante por um que maximize o controle político democrático e torne o

8 Conferência Mundial dos Povos sobre Mudança Climática e Direitos da Mãe Terra, realizada em Cochabamba, Bolívia, em 2010 (WATERMAN, 2010).

9 Alguns exemplos bem conhecidos são a Fundação Rosa Luxemburgo (*Rosa-Luxemburgo-Stiftung*), o Fórum do Terceiro Mundo (*Forum du Tiers-Monde*), o Centro para a Sociedade Civil (*Centre for Civil Society*), Alternativas de Desenvolvimento com Mulheres para uma Nova Era (*Development Alternatives with Women for a New Era*) e Foco no Sul Global (*Focus on the Global South*).

desenvolvimento equitativo das capacidades humanas e a gestão ambiental suas prioridades. (CARROLL, 2016, p. 30).

Ao mesmo tempo em que é importante criar um conhecimento que favoreça uma globalização mais justa e equitativa, a produção de ideias tem que ir além e criar fontes de conhecimento alternativas às do Norte Global. O trabalho de Boaventura de Sousa Santos seguiu essa missão, sugerindo que a globalização neoliberal deve uma quantidade considerável de sua hegemonia à eficiência pela qual desacredita todas as fontes rivais de conhecimento (SANTOS, 2014). Além disso, Santos (2014) argumenta que o conhecimento científico, embora considerado universalmente verdadeiro e imparcial, é produzido principalmente no Norte Global, tendo por fim as forças produtivas do neoliberalismo. Nesse processo, fontes alternativas de conhecimento, fundamentadas em práticas ancestrais ou tácitas, são consideradas como atrasadas, ineficientes ou não comprovadas. Santos (2014, p. 92) chama esse processo de desdenho de “epistemicida”, e sugere que não pode haver justiça global sem o reconhecimento dessas formas alternativas de sabedoria, ou melhor, das fontes alternativas *do que constitui conhecimento*. Em outras palavras, a justiça global deve ir de mãos dadas com a justiça cognitiva. Um exemplo primordial de esforço para expandir o conhecimento contra-hegemônico tem sido a ascensão meteórica do conceito de *buen vivir*. Esse neologismo, que hoje faz parte dos órgãos legais da Bolívia e do Equador, entende as comunidades humanas como algo entrelaçado com o ambiente natural, o que, ao mesmo tempo, quebra a concepção hegemônica das dimensões humana e natural como separadas e promove uma filosofia pela qual os objetivos econômicos estão sujeitos às necessidades do mundo natural. O navio, que investigaremos com mais detalhe abaixo, pode fornecer os elementos para incorporar todas essas diferentes epistemologias e suas respectivas comunidades em uma frente única.

### **Primavera Árabe, Maré Rosa, Neofascismo e Desglobalização Estrutural**

A situação política, econômica e demográfica global tem evoluído de forma que desafia alguns dos pressupostos que foram feitos durante a ascensão do movimento de justiça global e que requer ajustes nas análises, estratégias e táticas dos movimentos sociais progressistas. A Primavera Árabe, a Maré Rosa latino-americana, os Indignados na Espanha e a ascensão dos partidos da Nova Esquerda baseados na mídia social na Espanha (Podemos), Itália e Grécia, e o pico de protestos de massa em 2011 e 2012 foram interpretados como o aquecimento de uma revolução mundial contra a globalização neoliberal que começou no final do século XX com a ascensão dos

Zapatistas (CHASE-DUNN *et al.*, 2014). No entanto, os resultados de alguns desses movimentos colocaram em questão as táticas do movimento de justiça global. O partido de esquerda Syriza, eleito na Grécia em 2015, foi um desastre que foi esmagado pelos bancos europeus e pela UE. Eles dobraram a austeridade, ameaçando falir os pensionistas da Grécia a menos que o regime de Syriza concordasse com novas políticas de ajuste estrutural, o que aconteceu. Esse foi um caso em que um outro mundo era possível, mas não aconteceu. Essa decepção foi sentida pelos outros novos partidos de esquerda baseados na mídia social na Itália e na Espanha, bem como pelo movimento de justiça global e pelo processo do Fórum Social.

O enorme aumento dos protestos globais em 2011-2012 foi seguido por uma calmaria e, em seguida, uma intensificação renovada das revoltas dos cidadãos em 2015-2016 (YOUNGS, 2017). O movimento *Black Lives Matter*, o protesto contra o *Dakota Access Pipeline*, o movimento *#MeToo*, as Marchas Globais das Mulheres e o levantamento dos Antifa contra o neofascismo mostraram que a Revolução Mundial de 20XX ainda estava acontecendo. No entanto, os resultados principalmente trágicos da Primavera Árabe e o declínio dos regimes populistas progressistas da Maré Rosa na América Latina foram duros golpes para a esquerda global.

O processo do Fórum Social chegou tarde no Oriente Médio e no Norte da África, mas acabou por chegar. Os movimentos da Primavera Árabe no Oriente Médio e Norte da África foram principalmente rebeliões de estudantes progressistas e jovens que utilizaram as mídias sociais para mobilizar protestos em massa contra regimes autoritários envelhecidos. O resultado na Tunísia, onde a sequência de protestos começou, tem sido positivo até agora. Mas os resultados no Egito, Síria e Bahrein foram desastres (MOGHADAM, 2018)<sup>10</sup>. A Turquia e o Irã também devem ser adicionados a essa lista. Os movimentos populares em massa que clamavam pela democracia foram derrotados por movimentos islamistas mais bem organizados e por golpes militares e/ou intervenção externa. Na Síria, partes do movimento foram capazes de organizar uma luta armada, mas foram derrotados pelo antigo regime com a ajuda russa. Fundamentalistas extremistas muçulmanos assumiram a luta dos progressistas, e a guerra civil síria produziu uma enorme onda de refugiados que se combinou com migrantes por razões econômicas da África para atravessar o Mar Mediterrâneo em direção à Europa. Isso adicionou combustível aos já existentes movimentos e partidos políticos nacionalistas populistas na Europa, impulsionando vitórias eleitorais inspiradas nos sentimentos xenófobo e racista anti-imigrante. No

10 Val Moghadam (2018) mostra como as relações de gênero e mobilizações de mulheres antes da explosão de protesto, juntamente com diferenças nas instituições políticas, sociedade civil e influências internacionais, explicam a maior parte da variação nos diferentes desfechos da Primavera Árabe.

Irã, o movimento verde foi reprimido. Na Turquia, Erdogan prevaleceu, reprimindo o movimento popular, bem como os curdos. Todos esses acontecimentos, exceto na Tunísia, foram grandes retrocessos para a esquerda global.

A substituição da maioria dos regimes progressistas da Maré Rosa e da América Latina por neoliberais locais reinventados e/ou homens fortes semelhantes a Trump tem sido em grande parte uma consequência da queda dos preços das exportações agrícolas e minerais pela diminuição da demanda chinesa. Os esforços do governo Bolsonaro para intensificar o desmatamento da Amazônia para fins agroindustriais, mantêm muitas semelhanças com as medidas protecionistas tomadas pela administração do presidente Trump para salvar muitas indústrias moribundas no Cinturão da Ferrugem (*Rust Belt*). Ambos respondem a um esforço para recuperar uma vantagem competitiva na economia mundial. Os programas sociais dos movimentos populistas de esquerda dependiam de sua capacidade de tributar e redistribuir os retornos dessas exportações. Mas isso também pode representar um novo normal melhorado para a América Latina, porque quase todas as transições anteriores envolveram golpes militares e repressão violenta, enquanto a maioria dessas recentes transições de regime para a direita têm sido relativamente pacíficas e não envolveram tomadas de poder pelos militares ou repressão violenta, com a notável exceção do golpe na Bolívia em 2019, que, apesar da ruptura inicial, foi concluído com uma transição democrática pacífica, devolvendo o poder ao partido de Evo Morales, Movimiento al Socialismo. No Chile, protestos antineoliberais massivos em 2019 deram lugar a um novo processo constitucional que ainda está por ser concluído. Até agora, o desejo de compor um novo comitê constitucional para escrever a nova constituição foi decidido em um referendo nacional. Embora o resultado do comitê e dos conteúdos da nova constituição chilena sejam incertos, é certamente um sucesso notável para os movimentos sociais no Chile e mostra que os processos democráticos na região são muito mais estáveis do que no passado. No Brasil, a ameaça de regime militar continua a desempenhar um papel na política, mas, pelo menos até agora, a mudança para a direita tem sido menos violenta do que era nas transições de regime anteriores. A democracia parlamentar estável parece finalmente ter chegado na maior parte da América Latina. Isso não é utopia, mas é progresso. Esquerdistas podem disputar o poder novamente na próxima rodada.

A ascensão contínua de movimentos populistas e neofascistas de direita e suas vitórias eleitorais tanto no Norte Global quanto no Sul Global adicionaram uma nova nota que lembra a ascensão do fascismo durante a Revolução Mundial de 1917. Chase-Dunn, Grimes e Anderson (2019) compararam o direito global contemporâneo com o direito global que existia nas primeiras décadas do século XX para identificar

as semelhanças e diferenças nos movimentos, organizações, partidos e nos contextos estruturais mais amplos que produziram essas ondas reacionárias. O fundamentalismo religioso desempenhou um papel muito mais fraco na onda do início do século XX. Estava presente, mas não tão dramaticamente. A ascensão do fundamentalismo religioso após a Revolução Mundial de 1968 se deu em parte devido à percepção de que a Velha Esquerda havia fracassado. Os fundamentalismos cristãos e islâmicos têm sido fontes importantes de enquadramento para as forças de direita contra-hegemônicas que surgiram desde os anos 1970. O importante papel que a ameaçada indústria de combustíveis fósseis está desempenhando atualmente no financiamento e apoio a causas de direita é outra diferença. No início do século XX, a indústria de combustíveis fósseis foi uma força crescente no fornecimento de energia barata para uma grande onda de industrialização. Mas os desafios da mudança climática global antropogênica colocaram a indústria de combustíveis fósseis na defensiva (CARROLL, 2014). Embora a indústria de combustíveis fósseis sempre tenha sido conservadora, ela tem cada vez mais financiado causas de direita durante a ascensão contemporânea da direita global (MAYER, 2016; WENAR, 2016).

A outra grande diferença entre as primeiras e as últimas ondas da direita global é o aventureirismo militar internacional, que foi um aspecto importante do fascismo no início do século XX, mas, pelo menos até agora, não foi um aspecto importante do populismo de direita ou neofascismo no final do século XX e início do século XXI. Essa é uma boa notícia, mas sua dependência da institucionalização de organizações internacionais que deveriam manter a paz pode ser duramente testada na era vindoura de multipolaridade e rivalidade interimperial que deve seguir o declínio contínuo da hegemonia dos EUA (ver também MOGHADAM, 2018; MOGHADAM e KAFTAN, 2019; BEREZIN, 2019).

Isso levanta a questão das relações entre movimentos e contramovimentos e a possibilidade de que a instrumentalização e a articulação da esquerda global possam ser impulsionadas pela necessidade de combater o fascismo do século XXI. A glorificação de líderes fortes nos movimentos neofascistas e populistas de direita também foi vista no século XX. Mas líderes carismáticos também foram importantes em movimentos progressistas no passado. Os Socialistas Democráticos da América (DSA), de certa forma, parecem estar reagindo contra a ideologia “sem liderança” dos horizontalistas, capitalizando a extraordinária popularidade de seu membro mais famoso, Bernie Sanders, atualmente o político mais popular dos Estados Unidos, com 63% de aprovação pública. A plataforma proposta por Sanders incorpora muitos dos símbolos da Nova Esquerda e do movimento de justiça global.

Dani Rodrik (2018) afirmou que dois tipos de populismo surgiram para contestar

o projeto de globalização neoliberal. Na América Latina, nas décadas de 1980 e 1990, as políticas de ajuste estrutural do Fundo Monetário Internacional que exigiam austeridade e privatização foram apoiadas por políticos nacionais neoliberais que atacaram os sindicatos e partidos dos trabalhadores do setor formal, mas isso produziu uma reação populista em muitos países em que políticos progressistas foram capazes de ganhar eleições fazendo campanha contra essas políticas e mobilizando os residentes do “planeta das favelas” (DAVIS, 2006) – a população do setor informal urbano. Esse fenômeno foi chamado de “Onda Rosa”. Regimes baseados no populismo de esquerda surgiram na maioria dos países latino-americanos, e Rodrik corretamente vê isso como uma reação contra o projeto de globalização neoliberal. O populismo de direita emergiu, e ainda está emergindo, em países do Norte Global nos quais a globalização neoliberal produziu desindustrialização e em que muitos trabalhadores perderam seus empregos. Isso ocorreu em contextos em que era mais fácil para os políticos culpar os imigrantes e as minorias do que apontar o dedo aos grandes vencedores do capitalismo global – o capital financeiro e as corporações transnacionais. E alguns dos grandes vencedores apoiaram a política do hipernacionalismo, xenofobia, racismo e sexismo, que são os músculos do populismo de direita e do neofascismo.

Políticos populistas de direita exploraram clivagens ao longo de linhas culturais, reunindo indivíduos contra estrangeiros e minorias. Os movimentos populistas de esquerda, por outro lado, tenderam a angariar apoio com base nas clivagens econômicas. Eles apontaram o 1% dos ricos e as grandes corporações como responsáveis pelas crises econômicas e políticas de austeridade do século XXI. Assim, o projeto de globalização neoliberal e as crises do capitalismo global tardio produziram uma polarização política crescente, como o contexto no qual a nova esquerda global precisa reconsiderar sua cultura e atitudes em relação às questões organizacionais.

Além de tudo isso, a pandemia global da Covid-19 tem o potencial de acelerar um novo processo de desglobalização. É mais provável que exacerbe um período de realinhamento geopolítico, já que as nações desenvolvidas do Ocidente foram duramente atingidas pela pandemia (tanto pelo grande número de casos quanto economicamente falando). Um sinal relevante dessa transição geopolítica é a mudança na localização do Fórum Econômico Mundial 2020 de Davos para Cingapura. A pandemia global causou um grande prejuízo nas cadeias de abastecimento globais, causando grandes apelos para “reindustrializar” e reduzir a dependência da manufatura chinesa. Por sua vez, isso poderia alimentar as posições da direita populista global e reforçar sua presença nas câmaras legislativas na Europa e em outros lugares. Outro efeito relevante da pandemia em áreas periféricas, como América Latina, África Subsaariana ou Sudeste Asiático, é o tipo de estratégia de desenvolvimento que será seguida a

partir de agora. A pandemia destacou como os países com altos níveis de liberdade econômica e regimes políticos fortes, ou mesmo semiautoritários (por exemplo, Cingapura ou China) administraram os surtos de maneira bastante eficaz. Os países do Sul Global poderiam buscar alternativas políticas ao desenvolvimento da democracia liberal e, portanto, causar um grande golpe nas coalizões progressistas internacionais.

O resultado infeliz da Primavera Árabe, o fim da Onda Rosa, a ascensão de movimentos e partidos populistas de direita e neofascistas e a possível chegada de outro período de desglobalização com a pandemia são desenvolvimentos que sugerem que a esquerda global precisa conceber estratégias que possam ser mais eficazes no enfrentamento das crises do capitalismo global e na construção de uma sociedade mundial mais igualitária, democrática e sustentável. Mas esse projeto também precisa estar ciente da cultura contemporânea da esquerda global.

### **O navio<sup>11</sup>: forjando um instrumento diagonal para a esquerda global**

Um novo discurso emergiu nos últimos anos a respeito das possibilidades de maior articulação entre os movimentos de esquerda global em torno das ideias de frentes unidas, frentes populares e novas formas de organização. A tendência dos movimentos sociais progressistas de se formarem em torno de questões únicas e políticas de identidade é cada vez mais vista como um problema que impede uma mobilização mais eficaz para permitir que as pessoas construam projetos e comunidades mais igualitários e sustentáveis, além de se tornarem um ator significativo e consequente na política mundial. Isso foi reconhecido e abordado de maneiras diferentes por ativistas e teóricos políticos nos últimos 20 anos. A defesa de John Sanbonmatsu (2004) de um projeto global contra-hegemônico de esquerda localiza as raízes do horizontalismo e da celebração da diversidade na ascensão dos novos movimentos sociais e da filosofia pós-moderna nos anos que se seguiram à Revolução Mundial de 1968. Ele afirma que a ênfase pós-moderna nas diferenças e diversidades mina a capacidade das forças progressistas de se unirem para lutar pela mudança social. A sociologia crítica pós-moderna foi uma reação um tanto compreensível contra o stalinismo e o foco principal na tomada do poder estatal pelos partidos operários, que era o *modus operandi* da Velha Esquerda. Neoleninistas como Jodi Dean (2012, 2016) apontaram as limitações dos protestos de massa sem liderança como um método para produzir mudanças políticas. O estudo de Zeynep Tufekci (2017) sobre movimentos que fo-

11 O instrumento deve ser nomeado por aqueles que fazem o trabalho para criá-lo. Nossa sugestão de “embarcação” pretende ser inclusiva e diagonal. Outros sugeriram a Quinta Internacional (AMIN, 2008), uma Internacional de Trabalhadores e Povos (AMIN, 2018); o Príncipe pós-moderno (GILL, 2000; SONBONMATSU, 2004) e o Partido Mundial (WAGAR, 1999).

ram ativados por redes sociais observa sua fragilidade e suscetibilidade à interrupção. Greg Sharzer (2012, 2017) relata o destino das comunidades utópicas nos últimos dois séculos, que geralmente morrem ou são reincorporadas aos negócios capitalistas, como de costume.

Sahan Savas Karatasli também teorizou como os movimentos progressistas globais poderiam se aliar ao longo de diferentes linhas locais, nacionais e globais (KARATASLI, 2019). Para ele, a maioria dos movimentos sociais do início do século XXI surgiu como entidades espontâneas e sem liderança. A maioria desses movimentos (por exemplo, Tahir Square, Indignados [15-M] ou o Occupy) falhou no curto prazo em fazer reformas significativas. Em contraste, as revoluções sociais do início do século XX, nas quais organizações mais centralizadas se revoltaram em nome da classe trabalhadora (a mais proeminente delas, a Revolução Bolchevique), estabeleceram estados socialistas bem-sucedidos, mas devolvidos a regimes autoritários burocráticos (KARATASLI, 2019).

Ambas as tendências, por si só, podem ser fatais para os movimentos sociais. Os movimentos voluntários e hierárquicos do início do século XX não levaram as massas operárias ao poder. Em vez disso, eles se transformaram em estruturas militaristas/burocráticas que afirmavam ser agentes do proletariado, mas eram na verdade os instrumentos de uma nova classe de burocratas do partido. Por outro lado, a espontaneidade e a horizontalidade dos movimentos sociais do século XXI (que pretendiam superar as deficiências da Velha Esquerda) são muito evanescentes para ter um impacto duradouro na política mundial e nas instituições globais (KARATASLI, 2019). Para superar esses contratempos estruturais, Karatasli (2019) apoia a formação de duas organizações políticas progressistas globais que trabalharão simultaneamente e de forma colaborativa para lutar pelo poder na arena global. Dessa forma, organizações espontâneas, sem liderança e horizontais podem aproximar-se do poder por meio de uma grande estrutura política global que disputa o poder em diferentes arenas nacionais e internacionais.

Samir Amin (2008, 2018) propôs uma nova internacional progressista para servir como um instrumento para o movimento de justiça global na política mundial. Sua proposta de Quinta Internacional invoca a memória das internacionais socialistas e comunistas anteriores, levantando temores de vanguardismo entre os horizontalistas. Mas os focos organizacionais e de problema da proposta de Amin têm elementos internacionais que são diferentes dos anteriores. A Quinta Internacional é uma aliança de entidades nacionais, mas permitiria a participação de mais de um grupo legítimo por país. Amin difere de muitos outros ativistas da justiça global ao ver os projetos progressistas nacionais como a arena de luta mais importante, levantando a questão

do conteúdo do nacionalismo progressista.

O Fórum Social Mundial realizado em Salvador, Brasil, em 2018, enfocou como o seu processo poderia ser reinventado para enfrentar a ascensão das forças de direita (MESTRUM, 2017, 2018) de forma mais eficaz. O fim dos Fóruns Sociais dos EUA e da Europa pode significar que o processo do Fórum Social está se encerrando. Se for esse o caso, a pergunta é: O que pode substituir e melhorar o Fórum Social? Dados os inúmeros grupos de interesses concorrentes, todos com reivindicações legítimas, o quebra-cabeça é como uni-los em um movimento global de justiça social que seja inclusivo, mas que também enfoque os principais problemas que a humanidade enfrenta no século XXI. A interseccionalidade como um paradigma teórico que identifica camadas entrelaçadas na matriz da opressão (HOOKS, 2014), pode ser usada para construir um esquema para encaixar as múltiplas identidades e questões que estão envolvidas no movimento global de justiça social.

Um movimento político integrado precisaria “nomear o inimigo” (STARR, 2000). A direita global tem sido eficaz em grande parte porque construiu seus próprios inimigos como os “globalistas”, o “sistema” e “imigrantes”. Um amplo movimento de justiça social global precisará nomear como inimigos os predadores da classe corporativa transnacional e da direita global neofascista e populista, e tornar evidentes as conexões entre esses inimigos e a opressão e exploração da maior parte da população humana tanto do Sul Global quanto do Norte Global.

As versões de Amin e Dean do neoleninismo diferem em alguns aspectos quanto às suas noções de agência. Amin era um terceiro-mundista que via os trabalhadores e camponeses do Sul Global como os principais agentes da mudança social progressiva. Dean é mais uma trabalhadora que pensa que trabalhadores organizados liderados por comunistas dedicados do Norte Global e do Sul Global podem se unir para transformar o capitalismo global. Enquanto Dean se entusiasma com o espírito afetivo demonstrado pelas multidões em 2011, ela afirma que um partido organizado será necessário para mobilizar uma transformação progressiva do capitalismo global: “[...] essa perspectiva que dá corpo ao sujeito político é o partido” (DEAN, 2016, p. 19). Nem Dean nem Amin abordam diretamente a questão do vanguardismo, que foi uma das contribuições mais importantes de Lenin para a metodologia e estratégia do movimento comunista. Amin é sensível à acusação de vanguardismo, mas afirma que existem estruturas estatutárias que podem ser usadas para garantir o controle democrático de um partido político global. Amin (2018, p. xx) diz que:

O objetivo deve ser estabelecer uma Organização (a nova Internacional) e não apenas um ‘movimento’. Isso envolve ir além do conceito de fórum de discussão. Implica também ana-

lisar as inadequações da noção, ainda prevalente, de que os ‘movimentos’ afirmam ser horizontais e hostis às chamadas organizações verticais a pretexto de que estas últimas são por sua própria natureza antidemocráticas: de que a organização é, na verdade, o resultado de uma ação que por si mesma gera ‘líderes’. Este último pode aspirar a dominar, até mesmo manipular os movimentos. Mas também é possível evitar esse perigo por meio de estatutos apropriados. Isso deve ser discutido.

Concordamos com Amin e Dean que as ideologias antiorganizacionais que têm sido uma parte saliente da cultura dos movimentos progressistas desde 1968 têm sido também um grande obstáculo, restringindo a capacidade desses movimentos de realizar efetivamente seus próprios objetivos. Mas essas ideias e sentimentos são profundos e, portanto, qualquer esforço para construir formas organizacionais que possam facilitar a ação coletiva progressiva deve estar ciente dessa cultura embutida. A Internet e as mídias sociais, permitindo comunicações de massa baratas e eficazes, têm sido responsabilizadas por produzir movimentos especializados em um único assunto. Sugerimos que as comunicações virtuais e as tecnologias de tomada de decisão democrática podem ser aproveitadas para produzir organizações mais sustentadas e integradas e ferramentas eficazes que podem ser usadas para lutar pelo poder nas ruas e corredores institucionais do sistema mundial.

Também achamos que o velho debate reformista/revolucionário sobre se devemos nos engajar na política eleitoral é um obstáculo à capacidade da esquerda global de lutar efetivamente. Concordamos que mudar as políticas dos Estados ou assumir o poder neles não devem ser os únicos objetivos dos movimentos sociais progressistas. Os Estados não são, e nunca foram, sistemas inteiros. São organizações que existem em uma economia mundial maior e em um sistema interestatal. E, embora não devam ser o único alvo de movimentos progressistas, seus recursos organizacionais podem ser usados para facilitar a construção de uma sociedade global pós-capitalista.

Os autonomistas percebem corretamente que a dependência dos recursos e apoio do Estado, bem como do financiamento das principais fundações, muitas vezes compromete a integridade e a flexibilidade das organizações de movimentos sociais em sua capacidade de desafiar as estruturas de poder existentes. Mas os movimentos sociais transnacionais progressistas devem estar preparados para trabalhar com os governos progressistas a fim de tentar mudar as regras da ordem econômica global (EVANS, 2009, 2010). Se as organizações de movimentos sociais se tornarem parte do problema em vez de parte da solução, novas organizações de movimentos sociais menos dependentes e comprometidos podem assumir a luta. É necessário um movimento multinível de movimentos que promovam as regiões dentro do país (os níveis nacional, regional

mundial), o Norte Global, o Sul Global e níveis globais de organização.

Que papéis as ONGs globais existentes e as alianças civis internacionais podem desempenhar nesse projeto? A Via Campesina forneceu por décadas um projeto muito resistente que busca unir agricultores pobres e organizações camponesas de todo o mundo para organizar redes de produção agrícola e alternativas de distribuição às cadeias globais de *commodities* neoliberais. Essa organização atuou não apenas como uma organização civil, mas como uma verdadeira rede econômica e social para os pequenos agricultores. O sucesso da Via Campesina é bem conhecido entre os ativistas globais progressistas por causa de sua história de trabalho como uma verdadeira organização global, sem comprometer as lutas nacionais pela soberania alimentar e os direitos dos agricultores às sementes. Hoje, a Via Campesina representa cerca de 200 milhões de agricultores por meio de 181 organizações em 81 países. Desde 2000, tem havido uma ascensão meteórica de organizações de base globais progressistas que visam combater o capitalismo neoliberal em diferentes frentes – ambientalismo, racismo, direitos dos trabalhadores etc. O Greenpeace é um dos grupos mais proeminentes no movimento pela justiça ambiental. Com cerca de 3,2 milhões de contribuintes e escritórios em 55 países, a organização, que foi fundada em Vancouver em 1971, combinou efetivamente objetivos globais e locais/regionais e contestou o poder global dos Estados e corporações para proteger o meio ambiente. O espaço proposto funcionará como um guarda-chuva organizacional para ajudar ONGs progressistas existentes e emergentes a coordenar suas atividades em uma ampla gama de questões.

Os movimentos sociais transnacionais progressistas também devem estar dispostos a trabalhar em nível local com os governos municipais para implementar metas progressistas, como uma renda básica universal, já que essas cidades podem servir como exemplos progressivos (WRIGHT, 2010; LOWREY, 2018; VAN PARIJS e VANDERBORGHT, 2017). Isso inclui compreender as experiências com as cidades do Sul Global e aplicar as lições aprendidas no Norte Global. Por exemplo, uma renda básica universal foi testada no século XXI no Quênia e no Brasil e agora está sendo introduzida em Stockton (Califórnia) e em Chicago. Concordamos com Paul Mason (2015) que o antiutopismo da Velha Esquerda e de alguns da Nova Esquerda estava um tanto deslocado. A pré-configuração é uma boa ideia. Redes de compartilhamento, cooperativas, bancos comunitários, residências com emissões zero, fazendas e indústrias são esforços que valem a pena para os ativistas da esquerda global (WALLERSTEIN, 1998). Mas esses projetos locais precisam ser vinculados e coordenados para que possam competir efetivamente na política nacional e mundial. Explicar como estruturar tal internacional progressista efetivamente requer uma compreensão do horizonta-

lismo, verticalismo e nossa síntese proposta, encontrada no diagonalismo. Só então pode ser construída uma rede partidária (*partnet*) forte e flexível o suficiente para resistir aos desafios da organização global.

## **Estrutura Organizacional Diagonal**

A ideia de movimentos e organizações sem liderança é uma bandeira anarquista que foi criticada tanto por marxistas (EPSTEIN, 2001) quanto por feministas (FREEMAN, 1972-1973). As organizações políticas precisam ter procedimentos institucionalizados para a tomada de decisões e maneiras de responsabilizar a liderança para que os erros possam ser retificados. Esses requisitos não são tão importantes quando o sistema mundial está funcionando normalmente, mas quando as crises sistêmicas estouram e poderosos movimentos e regimes sociais populares de direita emergem, a ausência de liderança se torna um luxo inaceitável. Uma alternativa à “marcha em linha” leninista deve ser encontrada. Enquanto a cultura da esquerda global contemporânea geralmente equipara a ideia de um partido político a partidos de vanguarda ou máquinas eleitorais, há uma literatura recente que argumenta que novas formas de organização partidária são possíveis na era da comunicação pela Internet (DEAN, 2012, 2016; CARROLL, 2015).

As fazendas wiki<sup>12</sup> facilitam a formação de organizações virtuais que combinam os méritos de redes abertas com estruturas de liderança (administradores de dados), permitindo aos grupos criar documentos coletivamente e tomar decisões em grupo. O horizontalismo valoriza a falta de liderança e a informalidade, geralmente acompanhadas de uma tomada de decisão consensual. As organizações horizontalistas, também chamadas de “auto-organização” (PREHOFER e BETTSTETTER, 2005), têm várias vantagens: resiliência (você pode extinguir algumas delas, mas há redundância), flexibilidade e adaptabilidade, entidades individuais interagem diretamente umas com as outras, e não há hierarquia maior que pode ser interrompida. Essas características desejáveis são aquelas enfatizadas pelos defensores das redes horizontalistas. Mas os críticos da horizontalidade apontam que a ausência de estrutura não impede o surgimento de estruturas informais entre grupos de amigos, e os participantes que não estão ligados a essas redes de amizade não têm mecanismos para regular o poder das redes informais (FREEMAN, 1972-1973).

O diagonalismo combina o horizontalismo com uma estrutura organizacional formal semicentralizada, ela própria democrática e flexível. Uma organização diago-

<sup>12</sup> Uma fazenda wiki é uma coleção de wikis em execução no mesmo servidor da web e compartilhando um motor wiki principal.

nal é um complexo de indivíduos conectados horizontalmente, pequenos grupos e organizações regionais maiores com uma estrutura de tomada de decisão pela qual os grupos podem discutir e adotar políticas e implementá-las. As hierarquias são tão planas quanto possível, de acordo com a capacidade organizacional, e os grupos compostos podem se reportar a mais de um grupo de liderança. A liderança é rotativa e maximiza as oportunidades para a democracia participativa. A burocracia organizacional é reduzida ao mínimo, mas representantes legítimos ou delegados de grupos horizontais tomam decisões coletivas e ajudam a formular políticas e planejar ações para toda a organização. Os graus de hierarquia podem ser flexíveis, dependendo da natureza da tarefa. Tarefas de alto risco geralmente requerem mais hierarquia. Os grupos locais podem ajustar suas estruturas organizacionais ao contexto e à natureza da tarefa. O próprio espaço deve manter estruturas democráticas e flexíveis de tomada de decisão e implementação.

O *navio* é uma rede diagonal formada por grupos de afinidade do projeto e comunidades locais que compartilham os resultados de seus experimentos e construções e se coordenam para ações políticas, incluindo manifestações de massa, campanhas eleitorais e mobilizações de apoio e contenção. O diagonalismo vincula redes horizontais de indivíduos e grupos com uma estrutura de liderança legítima, composta de delegados designados com poderes para executar as decisões da organização que os nomeia. Os delegados tomam decisões em grupo por meio de consenso e votação. Várias organizações podem representar comunidades e nações. O conselho do *navio* será um compromisso entre as estruturas horizontais sem líder e as estruturas de comando hierárquico, nas quais a liderança é mantida por indivíduos ou grupos delegados. O *navio* se concentrará na articulação de questões centrais e formulará visões, estratégias e táticas para a esquerda global. Irá promover a comunicação e colaboração entre projetos transnacionais, nacionais e locais. O *navio* não deveria ser um partido político no sentido antigo, mas deveria ser permitido, ao contrário do que ocorre no Fórum Social Mundial, adotar resoluções e apoiar candidatos e campanhas. Deve ter uma estrutura designada composta de um conselho de delegados facilitadores escolhido para coordenar a tomada de decisão coletiva e lidar com problemas de segurança e comunicações. As organizações globais progressistas existentes devem ser encorajadas a aderir. As funções do *navio* e das organizações-membro variam dependendo das circunstâncias, mas o nível do *navio* deve se especializar na política de organizações internacionais e questões globais, enquanto as organizações regionais locais, nacionais e mundiais podem se concentrar nas questões que são salientes em seus contextos.

## Questões

As principais questões que achamos que devem constituir o foco do navio são:

- Justiça climática;
- Direitos humanos;
- Antirracismo, descolonização e direitos indígenas;
- Feminismo e direitos queer;
- Redes de compartilhamento;
- Alianças de paz/antiguerra;
- Ativismo popular progressivo local e urbano;
- Transnacionalismo anticorporativo (justiça tributária etc.); e
- Governança global democrática.

O *navio* também deve coordenar esforços para combater o fascismo do século XXI e o populismo de direita, assim como deve encorajar a participação (na forma de frentes unidas ou frentes populares) de ONGs e partidos políticos que desejam colaborar com esses esforços.

Os direitos humanos e o antirracismo têm sido centrais na rede de movimentos participantes do processo do fórum social. O Indigenismo Global (HALL e FENELON, 2009; CHASE-DUNN *et al.*, 2019) tem sido uma questão cada vez mais importante para a esquerda global. Os direitos dos povos colonizados, minorias raciais e étnicas, povos indígenas e pessoas *queer* são centrais para as preocupações inclusivas da esquerda global. O movimento de justiça climática já é um projeto colaborativo que combina ambientalistas com aqueles que se concentram nas comunidades mais vulneráveis (BOND, 2012; FORAN, 2018; FORAN, GRAY e GROSSE, 2017). O feminismo tem sido um dos movimentos centrais na rede de movimentos dos fóruns sociais (MOGHADAM, 2018). Redes de compartilhamento são uma ferramenta de potencial para organizar instituições pós-capitalistas que podem transformar a lógica do capitalismo global (MASON, 2013; DANAHER e GRAVITZ, 2017). Os movimentos de paz/antiguerra precisam de mobilização local e nacional contra o militarismo (BENJAMIN, 2013), bem como engajamento com organizações governamentais internacionais a fim de prevenir o surgimento de guerras entre Estados centrais no mundo multipolar vindouro. As organizações políticas internacionais existentes estão sob o ataque de forças de direita. O *navio* precisa defender o fortalecimento e a democratização das instituições de governança global que podem ajudar a manter a paz enquanto a humanidade passa pela próxima fase multipolar de rivalidade inter-imperial e se mover na direção de uma eventual forma democrática e coletivamente racional de governança global. O nacionalismo progressista é uma tática defensi-

va importante contra a apropriação do nacionalismo pelos populistas de direita e neofascistas. Por exemplo, como a economia nacional dos Estados Unidos poderia ser reorganizada para produzir coisas necessárias no exterior sem destruir o meio ambiente e de uma forma que use as habilidades daqueles que foram deixados de fora da globalização neoliberal? O mundo desglobalizante está reinventando o nacionalismo como uma resposta às crises produzidas pelo processo de globalização neoliberal. Em muitos casos, esse nacionalismo se transformou em neofascismo. A esquerda global tem sido decididamente cosmopolita e internacionalista, mas como poderia envolver a crescente onda de nacionalismo para propor relações mais cooperativas com os povos no exterior e com o Sul Global? O *navio* também precisa apoiar a formulação de análises e estratégias para movimentos em nível local e nacional que lutam contra o aumento do autoritarismo de direita e a repressão aos movimentos populares progressistas.

## Conclusão

Em vez de ceder ao cinismo, resignação e depressão, a esquerda global precisa enfrentar os reveses que ocorreram e conceber uma nova estratégia para mover a humanidade em uma direção melhor. Uma solução possível está na abordagem dos organizadores do DiEM25, o Movimento Democracia na Europa 2025, que vem agitando por uma internacional progressista desde a sua fundação, em 2016. O DiEM25 teve apenas uma pequena presença nas últimas eleições para o Parlamento Europeu, mas suas propostas delineiam uma abordagem cuidadosa para a formação de uma organização progressista de movimento social supranacional. Embora agora esteja limitado às nações europeias e à América do Norte (incluindo o México), sua abordagem diagonalista é adequada para uma organização flexível que pode enfrentar os movimentos globais de direita e a classe capitalista transnacional. O projeto do *navio* irá expandir o escopo e a missão de organizações como a DiEM25. Com boa liderança e participação entusiástica, o *navio* pode expandir o trabalho de redes partidárias globais como o DiEM25, a Via Campesina e o Greenpeace para envolver mais ativistas do Sul Global e abraçar o movimento de justiça global com grande atenção aos problemas da desigualdade global.

O Fórum Social Mundial (FSM) tem funcionado efetivamente por duas décadas como um campo de treinamento para o *navio*, onde ativistas progressistas, intelectuais orgânicos, movimentos de base, ONGs e organizações internacionais se reuniram para propor alternativas viáveis à globalização neoliberal. O *navio* funcionaria de maneira semelhante ao FSM, combinando e incluindo muitos corpos diferentes e diversos de mudança social. As próximas décadas serão caóticas, mas os movimentos

e instituições que construímos podem tornar as coisas melhores. Quer as grandes calamidades venham ou não de uma vez ou sequencialmente, precisamos buscar uma estratégia de “pós-capitalismo de desastre” que plante as sementes do futuro durante o caos. Não é o fim, apenas outra era das trevas e uma oportunidade de transição para um sistema mundial muito melhor. O navio pode nos levar até lá.

## Referências

- AMIN, Samir. It is imperative to reconstruct the Internationale of workers and peoples. *IDEAS network*, July 3, 2018. Disponível em: <<http://www.networkideas.org/featured-articles/2018/07/it-is-imperative-to-reconstruct-the-internationale-of-workers-and-peoples/>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- AMIN, Samir. Towards the fifth international? In: SEHM-PATOMAKI, Kat; ULVILA, Marco (Eds.). *Global political parties*. London: Zed Books, 2008. p. 123-143.
- AMIN, Samir. *Delinking: towards a polycentric world*. London: Zed Books, 1990.
- ARRIGHI, Giovanni; HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. *Antisystemic movements*. London: Verso 2012 [1989].
- BELLO, Walden. *Deglobalization*. London: Zed Books, 2002.
- BENJAMIN, Medea. *Drone warfare*. London: Verso, 2013.
- BEREZIN, Mabel. Fascism and populism: are these useful categories for comparative sociological analysis? *Annual Review of Sociology*, v. 45, p. 345-361, July 2019. DOI: 10.1146/annurev-soc-073018-022351
- BOND, Patrick. *The politics of climate justice: paralysis above, movement below*. Durban, SA: University of Kwa-zulu Natal Press, 2012.
- CARROLL, William K. *Expose, oppose, propose: alternative policy groups and the struggle for global justice*. New York: Zed, 2016.
- CARROLL, William K. Modes of cognitive praxis in transnational alternative policy groups. *Globalizations*, v. 12, n. 5, p. 710-727, 2015. DOI: 10.1080/14747731.2014.1001231
- CARROLL, William K. *Mapping the power of the carbon-extractive corporate resource sector*. University of Alberta, 2014. Disponível em: <<https://era.library.ualberta.ca/items/268c6398-54ab-4c22-ac6c-2f46102ff1d6>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- CHASE-DUNN, Christopher *et al.* Global indigenism and the web of transnational social movements. In: ROSSI, Ino (Ed.). *New frontiers of globalization research: theories, globalization processes, and perspectives from the global south*. Verlag: Springer, 2019. p. xx-xx.
- CHASE-DUNN, Christopher; GRIMES, Peter; ANDERSON, Eugene N. Cyclical evolution of the global right. *Canadian Sociological Review*, v. 56, n. 4, p. 529-555, Nov. 2019. DOI: 10.1111/cars.12263
- CHASE-DUNN, Christopher; MOROSIN, Alessandro; ÁLVAREZ, Alexis. Social movements and progressive regimes in Latin America: world revolutions and semiperipheral development. In: ALMEIDA, Paul; CORDERO ULATE, Allen (Eds.). *Handbook of social movements across Latin America*. Dordrecht, NL: Springer, 2015. p. 13-24.
- CHASE-DUNN, Christopher *et al.* Articulating the web of transnational social movements. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 2014, Yokohama. *Proceedings*: Yokohama, 2014. Disponível em: <<http://irows.ucr.edu/papers/irows84/irows84.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- CHASE-DUNN, Christopher; KANESHIRO, Matheu. Stability and change in the contours of alliances among movements in the social forum process. In: FASENFEST, David (Ed.). *Engaging social justice*. Leiden: Brill, 2009. p. 119-133.
- CHASE-DUNN, Christopher *et al.* North-South contradictions and bridges at the World Social Forum. In: RUEVENY, Rafael; THOMPSON, William R. (Eds.). *North and South in the world political economy*. Malden, MA: Blackwell, 2008. p. 341-366.
- DANAHER, Kevin; GRAVITZ, Alisa (Eds.). *The Green Festival Reader*. London: Routledge, 2017.
- DAVIS, Mike. *Planet of slums*. London: Verso, 2006.

- DEAN, Jodi. *Crowds and party*. London: Verso, 2016.
- DEAN, Jodi. *The communist horizon*. London: Verso, 2012.
- EPSTEIN, Barbara. Anarchism and the anti-globalization movement. *Monthly Review*, v. 53, n. 4, p. 1-14, 2001. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2001/09/01/anarchism-and-the-anti-globalization-movement/>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- EVANS, Peter B. Is it labor's turn to globalize? Twenty-first century opportunities and strategic responses. *Global Labour Journal*, v. 1, n. 3, p. 352-379, 2010. DOI: 10.15173/glj.v1i3.1082
- EVANS, Peter B. From situations of dependency to globalized social democracy. *Studies in Comparative International Development*, v. 44, p. 318-336, 2009. DOI: 10.1007/s12116-009-9049-9
- FORAN, John. *Taking or (re) making power? The new movements for radical social change and global justice*. London: Zed Books, 2018.
- FORAN, John; GRAY, Summer; GROSSE, Corrie. 'Not yet the end of the world': political cultures of opposition and creation in the global youth climate justice movement. *Interface: a journal for and about social movements*, v. 9, n. 2, p. 353-379, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiivLt08j0AhXupJUCHUMOBc-4QFnoECAGQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.interfacejournal.net%2Fwordpress%2Fwp-content%2Fuploads%2F2017%2F12%2FInterface-9-2-Foran-Gray-Grosse.pdf&usq=AOvVaw0xbPqpdxmzN-x1OVmDJe8fu>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- FREEDEN, Michael. *Ideology: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- FREEMAN, Jo. The tyranny of structurelessness. *Berkeley Journal of Sociology*, v. 17, p. 151-165, 1972-1973. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41035187>>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- GILL, Stephen. Toward a post-modern prince? The battle of Seattle as a moment in the new politics of globalization. *Millennium*, v. 29, n. 1, p. 131-140, 2000. DOI: 10.1177/03058298000290010101
- HALL, Thomas D.; FENELON, James V. *Indigenous peoples and globalization: resistance and revitalization*. Boulder, CO: Paradigm Press, 2009.
- HOBSBAWM, Eric J. *The age of extremes: a history of the world, 1914-1991*. New York: Pantheon, 1994.
- HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. 3rd ed. New York: Routledge, 2014 [1984].
- KARATASLI, Sahan Savas. The Twenty-first century and internationalism: a world historical perspective. *Globalizations*. Volume 16, 2019, issue 7, 2019
- LENIN, Vladimir. *What is to be done?* In: Lenin's collected works. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1961 [1902]. p. 347-530.
- LOWREY, Annie. *Give people money: how a universal basic income would end poverty, revolutionize work, and remake the world*. New York, NY: Crown, 2018.
- MASON, Paul. *Postcapitalism*. New York: Farrer, Straus and Giroux, 2015.
- MASON, Paul. *Why it's still kicking off everywhere: the new global revolutions*. London: Verso, 2013.
- MAYER, Jane. *Dark money: the hidden history of the billionaires behind the rise of the radical right*. New York: Anchor Books, 2016.
- MESTRUM, Francine. The World Social Forum is dead! Long live the World Social Forum? *Alternatives International*, Mar. 23, 2018. Disponível em: <<http://www.alterinter.org/spip.php?article4654>>. Acesso em: 04 dez. 2021.
- MESTRUM, Francine. Reinventing the World Social Forum: how powerful an idea can be. *Open Democracy*, Nov. 18, 2017. Disponível em: <<https://opendemocracy.net/francine-mestrum/reinventing-world-social-forum-how-powerful-idea-can-be>>. Acesso em: 04 dez. 2021.
- MEYER, John W. *World society: the writings of John W. Meyer*. New York: Oxford University Press, 2009.
- MICHELS, Robert. *Political parties*. New York: Simon and Schuster, 1968 [1915].
- MOGHADAM, Valentine M. *Feminism and the future of revolutions. Socialism and Democracy*, v. 32, n. 1, p. 31-53, 2018. DOI: 10.1080/08854300.2018.1461749
- MOGHADAM, Valentine M. *Globalizing women: transnational feminist networks*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005.
- MOGHADAM, Valentine M.; KAFTAN, Gizem. Right-wing populisms north and south: varieties and gender dynamics. *Women's Studies International Forum*, v. 75, July/Aug. 2019. DOI: 10.1016/j.

wsif.2019.102244

PLEYERS, Geoffrey. *Alter-globalization*. Malden, MA: Polity Press, 2011.

PREHOFER, Christian; BETTSTETTER, Christian. Self-organization in communication networks: principles and design paradigms. *IEEE Communications Magazine*, v. 43, n. 7, p. 78-85, 2005. DOI: 10.1109/MCOM.2005.1470824

REITAN, Ruth. *Global activism*. London: Routledge, 2007.

RODRIK, Dani. Populism and the economics of globalization. *Journal of International Business Policy*, v. 1, p. 12-33, 2018. DOI: 10.1057/s42214-018-0001-4

SANBONMATSU, John. *The postmodern prince*. New York: Monthly Review Press, 2004.

SANTOS, 2014 *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide*. London: Paradigm Publishers, 2014.

SEN, Jai et al. *A political programme for the World Social Forum?* Democracy, substance and debate in the Bamako Appeal and the Global Justice Movements. Indian Institute for Critical Action, 2007.

SHARZER, Greg. Cooperatives as transitional economics. *Review of Radical Political Economics*, v. 49, n. 3, p. 456-476, 2017. DOI: 10.1177/0486613415627154

SHARZER, Greg. *Nolocal: why small-scale alternatives will not change the world*. Aireford, Hants, UK: Zero Books, 2012.

STANDING, Guy. *A precariat charter: from denizens to citizens*. London: Bloomsbury, 2014.

STARR, Amory. *Naming the enemy: anti-corporate movements confront globalization*. London: Zed Books, 2000.

STEGER, Manfred; GOODMAN, James; WILSON, Erin K. *Justice globalism: ideology, crises, policy*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013.

TUFEKCI, Zeynep. *Twitter and tear gas: the power and fragility of networked protest*. New Haven, CT: Yale University Press, 2017.

VAN PARIJS, Philippe; VANDERBORGHT, Yannick. *Basic income: a radical proposal for a free society and a sane economy*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2017.

WAGAR, Warren. *A short history of future*. 1999. University of Chicago Press

WALLERSTEIN, Immanuel. The World Social Forum: from defense to offense. *TNI*, Feb. 07, 2007. Disponível em: <<http://www.sociologistswithoutborders.org/documents/WallersteinCommentary.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Utopistics: or historical choices of the twenty-first century*. New York: New Press, 1998.

WATERMAN, Peter. Five, six, many new internationalisms! (Nine reflections on a Fifth International). *ESSF*, May 8, 2010. Disponível em: <<http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article16650>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

WATERMAN, Peter. *Toward a global labour charter for the 21st century*. 2006. Disponível em: <[https://laborstrategies.blogs.com/global\\_labor\\_strategies/global\\_unionism/page/4/](https://laborstrategies.blogs.com/global_labor_strategies/global_unionism/page/4/)>. Acesso em: 04 dez. 2021.

WENAR, Leif. *Blood oil: tyrants, violence and the rules that run the world*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

WORLD SOCIAL FORUM. *World Social Forum Charter of Principles*. 2001. Disponível em: <[http://www.universidadepopular.org/site/media/documentos/WSF\\_-\\_charter\\_of\\_Principles.pdf](http://www.universidadepopular.org/site/media/documentos/WSF_-_charter_of_Principles.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2021.

WRIGHT, Erik O. *Envisioning real utopias*. London: Verso, 2010.

YOUNGS, Richard. What are the meanings behind the worldwide rise in protest? *Open Democracy*, Oct. 2, 2017. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/protest/multiple-meanings-global-protest>>. Acesso em: 05 dez. 2021.